



UEPAE de BAGÉ
BR 153, km 141
Vila Industrial
Zona Rural
Caixa Postal 242
96400 Bagé, RS

ISSN 0100-8919

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 2, dez/80, p.1-5

CONTROLE DA MASTITE EM NÍVEL DE ESTÁBULO

2ª edição

José Tiago Campos Garcia*

CONSIDERAÇÕES

Sabidamente, a mastite (ou manite) constitui-se no mais grave problema de ordem sanitária na pecuária leiteira.

Em qualquer estabelecimento de produção de leite, a doença está presente de forma "clínica" ou "subclínica",

Os prejuízos que acarreta são de grande monta, tanto ao nível de estábulo quanto ao nível de usina. Basta considerar que a enfermidade localiza-se, justamente, no tecido nobre da vaca leiteira, ou seja, no tecido glandular do úbere.

MASTITE SUBCLÍNICA

Uma das grandes dificuldades no seu combate reside no fato de que sua presença pode ocorrer de forma imperceptível ao produtor, fazendo com que este mantenha vacas infectadas no rebanho que, embora não manifestem sintomas da doença, albergam microorganismos patógenos no úbere. São vacas enfermas, com mastite em um ou mais quartos, os quais padecem os prejuízos decorrentes da enfermidade. Há diminuição da quantidade e da qualidade do leite produzido, embo

* Med.Vet., EMBRAPA - Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Bagé, UEPAE de Bagé, Cx.Postal 242 - Bagé, RS.

ra este não apresente alterações visíveis no seu aspecto. Trata-se de mastite na sua forma subclínica. Assim designada, justamente, porque não apresenta sintomas clínicos perceptíveis.

Além da quantidade e qualidade do leite estarem diminuídas, o quarto doente representa fonte de contágio para os demais quartos, na mesma vaca, ou para outras vacas do rebanho.

Assim sendo, a mastite "subclínica", pela sua ocorrência da forma inaparente, torna-se uma enfermidade de difícil controle, principalmente nos estabelecimentos sem assistência veterinária direta e permanente.

Felizmente, é muito difícil também que quartos afetados subclínicamente permaneçam indefinidamente secretando leite sem contaminar outros quartos da mesma ou de outras vacas. Diz-se, felizmente, porque, se o quarto que serviu de fonte de contágio não apresenta sintomas da doença, o mesmo nem sempre acontece com aquele que foi infectado. Esse, na maioria das vezes, reage de maneira a evidenciar os sintomas clínicos da mastite, apresentando reações glandulares perceptíveis, com alterações visíveis no aspecto do leite. Essa é a mastite clínica. E é sobre esse tipo de enfermidade que serão feitas referências neste Comunicado Técnico.

MASTITE CLÍNICA

Sob esta designação, a doença é classificada quando se apresenta de forma perceptível ao próprio ordenhador que, ao executar a ordenha, percebe que o úbere apresenta um quarto diferente dos outros em tamanho, consistência, sensibilidade ao toque e aspecto do leite; inclusive, um ou mais quartos poderão apresentar-se alterados, dependendo da gravidade da inflamação produzida, com sintomas clínicos gerais na vaca, tais como: febre, falta de apetite e diminuição acentuada da produção. Entretanto, convém notar que o leite pode estar alterado sem que o quarto correspondente apresente sinais de anormalidades como: inchaço, sensibilidade ou sintomas gerais.

Esse tipo de mastite pode e deve ser controlado pelo próprio ordenhador, ao nível de estábulo. Para tanto, basta que este adote certas normas de procedimento na rotina da ordenha e busque, periodicamente, a assistência de um veterinário, no sentido de informar-se sobre o tratamento mais adequado.

PROCEDIMENTOS E NORMAS

Tendo em vista que o leite é o elemento mais sensível para evidenciar a mastite clínica, é sobre ele que se deve voltar a atenção no sentido de detectar a enfermidade. O quarto afetado, é bom lembrar, nem sempre evidencia os sintomas da doença. Para tanto, é indispensável verificar o aspecto do leite a cada ordenha, antes mesmo da colocação dos copos da ordenhadeira ou de sua extração manual.

O instrumento mais adequado para isso é simples e de fácil manejo. Na UEPAE "Cinco Cruzes" de Bagé, EMBRAPA, adotou-se o uso de uma pá de plástico de utilidade doméstica, encontrável em qualquer bazar ou supermercado. Esse utensílio se presta, de forma simples e eficiente, na verificação do aspecto do leite, antes de iniciar-se a sua extração.

Esse procedimento, aliado a alguns outros, também muito simples e rápidos, possibilitou o controle das mastites clínicas de uma forma efetiva e barata, propiciando uma queda sensível em sua taxa de ataque.

Estando um grupo de vacas alinhado em seus respectivos boxes de ordenha, inicia-se a seguinte rotina básica por ordem de sequência:

a) Lavar o úbere e as tetas com água limpa e, quando possível, água corrente, através de mangas e esguichos adaptados às instalações (Foto 1).
Nota: É muito importante evitar o uso de balde com pano coletivo para todas as vacas.

b) Secar os mamilos separadamente, com toalhas de papel descartáveis (Foto 2).

Nota: É importante utilizar uma unidade de toalha para cada um dos mamilos.

c) Colher manualmente de um a três jatos de leite de cada teta sobre a pá ou bandeja de plástico e escorrê-lo sobre a superfície da mesma. O leite proveniente de um quarto clinicamente doente estará com o seu caráter completamente alterado. Além da presença de grumos, a cor e fluidez estarão muito diferentes do leite normal (Foto 3).

Nota: A cor da pá é um detalhe importante a ser considerado na sua aquisição. As cores mais adequadas à essa prova são a preta, a cinza-escura e a azul. As cores branca, amarela, verde e vermelha devem ser evitadas porque dificultam o contraste com a coloração do leite normal

ou anormal.

- d) Após a retirada dos copos, imergir cada uma das tetas em um recipiente contendo uma solução antisséptica especial para esse fim (Foto 4).

Nota: Essa solução e esse recipiente já podem ser encontrados, comercialmente no mercado. Na falta de ambos, entretanto, o recipiente de imersão poderá ser um simples copo de uso doméstico, de vidro ou de plástico, usando a seguinte solução:

Tintura de iodo 200,0

Cozimento de linhaça 2000,0

Modo de preparar: fervem-se 100 gramas de linhaça em 2 litros d'água, durante 15 minutos. Coa-se, ainda quente, para obtenção da calda. À esta, adiciona-se a tintura de iodo e mistura-se até obter-se uma solução homogênea e viscosa que deverá ser guardada em garrafas previamente escaldadas. A vantagem dessa solução é que, além de sua ação antisséptica, deixa uma película envolvendo a pele do mamilo e uma gota pendente no orifício de entrada do canal, impermeabilizando-o por algum tempo. É interessante notar que todos os autores, nacionais e estrangeiros, enfatizam muito esse procedimento como norma profilática no combate às mastites - Teat dipping.

- e) Ao passar os copos da ordenhadeira de uma vaca para outra, mergulhá-los num balde contendo um desinfetante comercial à base de cloro ou iodofor, observando a diluição recomendada pelo fabricante (Foto 5).

Nota: Nessa imersão, é preciso que a válvula do coletor esteja fechada; do contrário haverá sucção do desinfetante para o interior do mesmo.

OUTRAS RECOMENDAÇÕES

Existem muitos outros aspectos importantes a considerar no controle das mastites, principalmente os que dizem respeito às condições de higiene das instalações e dos próprios ordenhadores e, de igual modo, com referência ao funcionamento da máquina de ordenha.

Para exemplificar, é praticamente indispensável que a sala de ordenha disponha de água encanada e pisos impermeáveis com caídas e sistemas de canaletas. A água abundante e de boa qualidade é fator de suma importância para a higiene das instalações, dos animais e do pessoal que lida com os mesmos.

CT/2, UEPAE de Bagé, dez/80, p.5

A utilização de desinfetantes é indispensável. Os produtos comerciais patenteados às vezes são caros. Nesses casos, é recomendável recorrer, em mais larga escala, aos produtos industrializados, tais como os carbonatos de cálcio ou de cloro, pelo menos para os pisos e instalações, já que para o uso direto nos animais somente devem ser empregados produtos e substâncias adequados para esse fim.

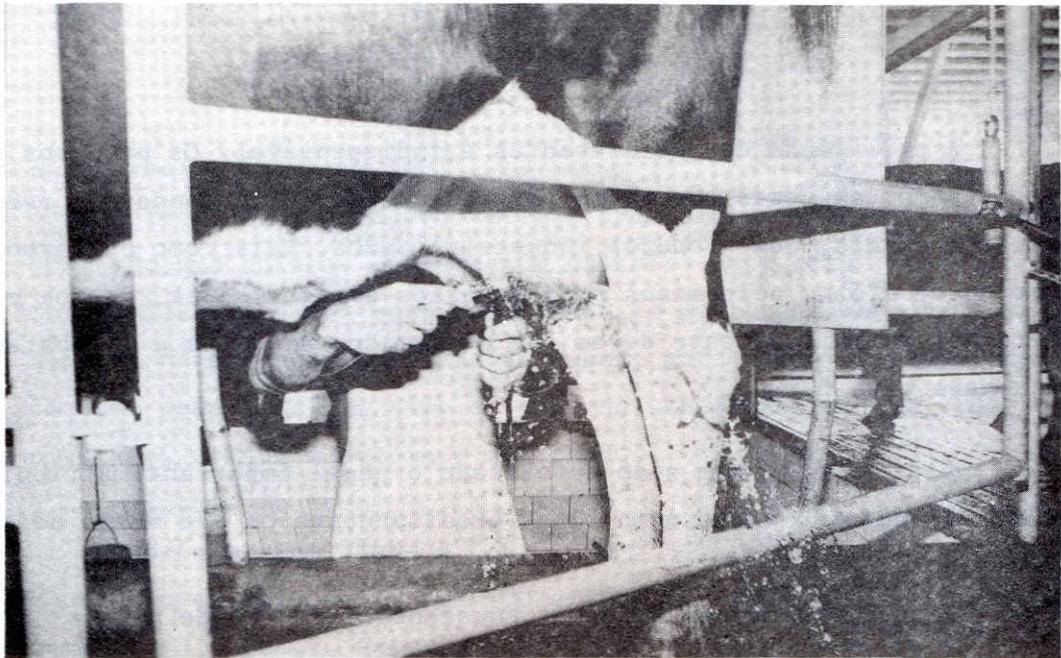
Ultimamente, tem sido enfatizado o papel importante atribuído ao nível e estabilidade do vácuo como fator predisponente ou até mesmo desencadeante das mastites.

A oferta de vácuo deve ser constante e dentro de níveis compatíveis com o esfíncter do canal da teta. Níveis muito baixos ou muito elevados castigam o canal da teta diminuindo-lhe a capacidade fisiológica de fechamento após a ordenha, sem falar na ação irritante sobre as mucosas do canal e da cisterna.

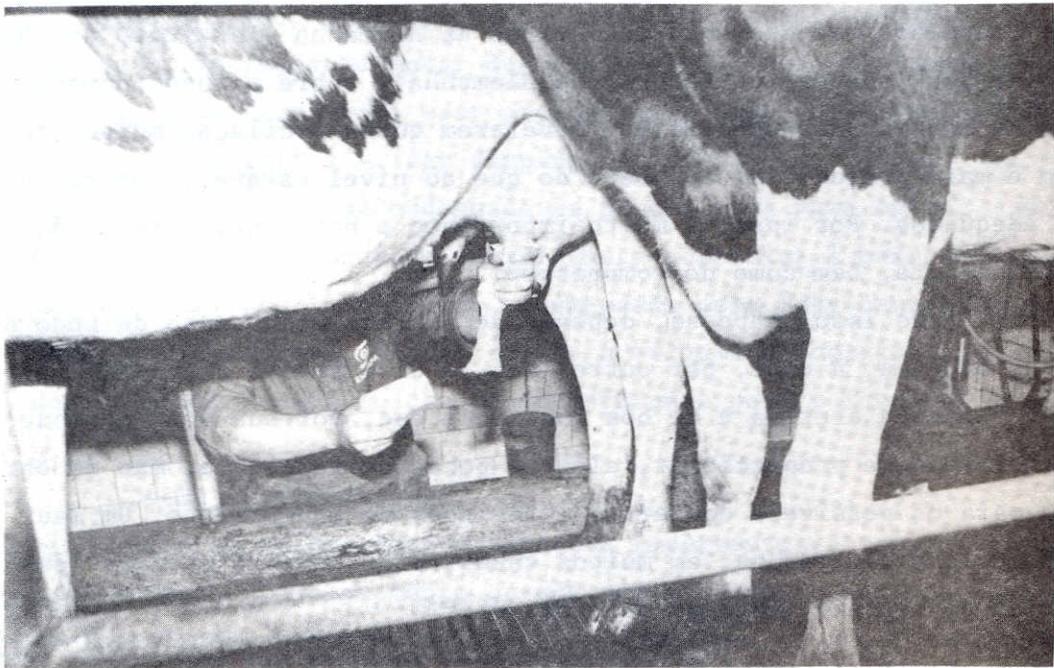
As oscilações muito acentuadas na oferta de vácuo são igualmente danosas. Trabalhos recentemente conduzidos na Alemanha (Instituto de Higiene do Leite de Kiel, República Federal da Alemanha), sobre o funcionamento e desempenho de máquinas ordenhadeiras, revelaram que a oscilação muito acentuada do vácuo é mais prejudicial ao úbere do que ao nível estável, embora fora dos limites adequados. Por isso, é muito importante o bom funcionamento da válvula estabilizadora, bem como do compressor.

Tudo isso, sabe-se, depende de uma boa manutenção de todo o equipamento de ordenha, a qual, por outro lado, é diretamente dependente de uma assistência técnica efetiva e de boa qualidade que, por sua vez, depende do revendedor. Este deve proporcionar, além de peças de reposição, mão de obra qualificada para os possíveis consertos e revisões do equipamento. Um mau desempenho da máquina de ordenha, em muitos casos, pode botar a perder todas as outras normas de higiene adotadas pelo produtor.

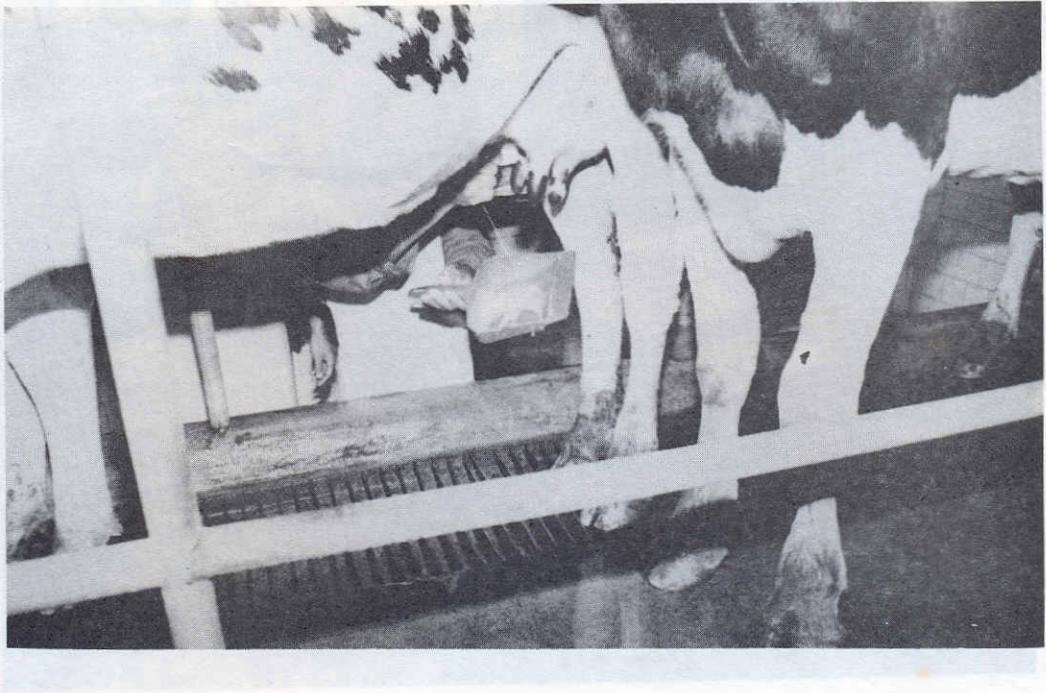
A produção de leite é exploração de alta renda por área explorada. Exige, no entanto, intensa atividade, muita atenção e, principalmente, mão de obra qualificada.



Lavagem do úbere e das tetas com água corrente



Secagem dos mamilos com toalhas de papel descartável



Teste de superfície antes da ordenha



Imersão dos mamilos em solução antisséptica, após a ordenha



Imersão das tetas em solução antisséptica, ao tocá-las de uma vaca para outra.